

Os mss. 350 e 351 dos Reservados da BGUC: importantes fontes para o estudo da tradição manuscrita dos sonetos de António da Fonseca Soares na *Fénix Renascida* (Sylva, 1746, 2.^a ed.)

Mss. 350 and 351 of the BGUC Reserves: important sources for the study of the manuscript tradition of the sonnets of António da Fonseca Soares in the *Reborn Phoenix* (Sylva, 1746, 2nd ed.)

Carlos Eduardo Mendes de Moraes¹

RESUMO

Há diferenças entre a atribuição de autorias da obra de António da Fonseca Soares (1631-1682) e a *Fénix Renascida* (1746). Sylva privilegiou os “melhores sonetos” omitindo a autoria de Fonseca Soares, ora como anônima, ora

1 Docente Sênior do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, University of São Paulo, São Paulo State University (Unesp, Portuguese: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”). E-mail: mendes.moraes@unesp.br. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5427667370309683>. <https://orcid.org/0000-0001-7277-2788>

como de outro autor. Nos manuscritos 350 e 351 dos Reservados da BGUC demonstram-se fontes importantes que revelam mais sobre os sonetos do poeta publicados na *Fénix*, em versões únicas ou partícipes da sua tradição manuscrita.

PALAVRAS-CHAVE

Filologia. António da Fonseca Soares. *Fénix Renascida*. BGUC Ms. 350. BGUC Ms. 351.

ABSTRACT

There are differences between the attribution of authorship of the work of António da Fonseca Soares (1631-1682) and the Reborn Phoenix (1746). Sylva favored the “best mills” omitting the authorship of Fonseca Soares, sometimes as anonymous, sometimes as another author. In manuscripts 350 and 351 of the BGUC Reserves, important sources on the tradition of the poet’s sonnets published in *Fénix* are demonstrated, in single versions or as participants in his manuscript tradition.

KEYWORDS

Philology. *Fénix Renascida*. Manuscript 350 BGUC. Manuscript 351 BGUC.

A Fénix Renascida, ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes e a não-referência a António da Fonseca Soares

A Fénix Renascida é uma coletânea de poemas impressos com o subtítulo “os melhores engenhos portuguezes”, dado à luz pelo editor Mathias Pereira da Sylva. Trata-se da reunião de centenas de composições organizadas em cinco volumes, publicada em duas edições: a primeira (1716-1728) e a segunda (1746)², a qual utilizamos para esta

2 Importante observar que houve outras edições póstumas. Quando referimo-nos a duas, são aquelas organizadas diretamente por Mathias Pereira da Sylva, segundo as informações constantes dos paratextos iniciais. A título de informação, encontramos uma edição realizada nos Estados Unidos pela Legare Street Press, com 460 páginas, do ano de 2022 (ISBN

discussão. Em ambas as edições, Sylva faz a recolha de poemas que circularam, em sua grande maioria, na forma manuscrita ao longo do século XVII, os quais procurou sempre indicar, por um lado, as didascálias e as autorias por ele elaboradas ou coligidas e, por outro, apresentar essa recolha em volumes cancelados em cada tomo por um mecenas solenemente homenageado nas páginas iniciais³.

Antonio da Fonseca Soares foi relativamente lembrado por Sylva, pois, apesar de seu nome não figurar entre os “melhores engenhos portugueses”, mais de uma centena de poemas atribuídos à sua obra secular⁴ foram publicados na *Fénix*, segundo arrolou Maria de Lourdes Belcior Pontes (1950)⁵ na *Bibliografia de António da Fonseca Soares*.

Falar de “Anónimos”, nesse sentido, é questão complexa, posto que António Pereira da Sylva, o organizador da *Fénix*, optou por promover “a poesia portuguesa” em detrimento da segurança e da precisão na indicação dos poetas-autores selecionados, principalmente quando tratou os “melhores engenhos” com o olhar voltado mais para os conteúdos dos poemas do que para as suas autorias. Essa percepção se corrobora quando abrimos a *Fénix* no tomo II, dedicado ao “Exce-

978-1018173948; também encontramos a edição A FÉNIX RENASCIDA OU OBRAS POÉTICAS dos melhores Engenhos Portugueses, Edição de Ivo Castro, Enrique Rodrigues-Moura e Anabela Leal de Barros, a qual nos interessa diretamente, em virtude do estudo que se fez em torno da edição. Entretanto, trata-se de edição esgotada, à qual não conseguimos ter acesso direto.

- 3 Quanto a esses mecenas, aparecem na seguinte ordem nas publicações: Volume I: Dom Francisco de Portugal (Marquês de Valença, Conde de Vimioso, etc.); Volume II: Dom José de Portugal, primogênito de D. Francisco de Portugal; Volume III: Dom João de Almeida Portugal (Conde de Assumar, dos Conselhos de Estado e Guerra, etc.); Volume IV: Dom João de Mascarenhas (Conde de Santa Cruz, primogênito do Marquês Morodomo-Mór); Volume V: Dom Francisco Xavier de Menezes (Conde de Ericeira do Conselho de Sua Magestade, etc.).
- 4 Segundo a Autora, existe um contraste entre a obra secular, assinada por António da Fonseca Soares e a religiosa, assinada pelo seu nome religioso Frei António das Chagas. Chagas teve grande parte de sua obra sacra, composta de cartas, textos religiosos, missais, etc., publicada ao longo da segunda metade de sua vida e mesmo *post mortem*.
- 5 Do conjunto de 926 poemas atribuídos a António da Fonseca Soares, grande maioria composto na forma de romances pouco se publicou. Aqueles que foram contemplados pela imprensa, em geral, se devem à atuação do poeta na Academia dos Seletos – poemas como o “Mourão Restaurado” ou “Elvas Socorrida” –, enquanto outros se acham dispersos em coletâneas e miscelâneas, dentre as quais, a *Fénix Renascida*.

Ilentissimo Senhor D. Josoeph de Portugal, Conde de Vimioso, ecc, primogenito do Excellent. Senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença”, no qual Sylva adverte o leitor sobre o critério empregado na busca dos poemas escolhidos para alçarem o voo da *Fénix*:

Em duas cousas póde reparar o Leitor: primeira, em darmos a algumas obras Authores Anonymos; segunda em attribuir a outros diferentes algumas, que correm em nome de alguns determinadamente; quanto á primeira, pareceo conveniente darlhes Author Anonymo, porque a todo tempo, que se lhes descobrir o verdadeiro, tomará dellas posse; porque assim lhe deixamos reservado o seu direito, ao qual prejudicaríamos, se as adjudicássemos a algum determinado. Quanto á segunda, respondo, que muitas destas obras andão roubadas a seus legitimos senhores, e conhecidas por taes devem restituirselles como suas. Em tudo procedemos com a madureza, que basto para que os Leitores fiquem intyeiramente satisfeitos, se sem escrulo⁶.

“Aos Leitores” (In: SYLVA, 1746).

O escrúpulo referido por Sylva, todavia, não esclarece quantas e quais são as composições “roubadas” ou sem conhecimento dos verdadeiros autores.



Quando se trata do resgate da produção de determinado autor da época, no caso, António da Fonseca Soares, outros caminhos se fazem necessários para o estudo da *Fénix*. Primeiramente, o exame exaustivo da tradição manuscrita atribuída a Fonseca Soares nos leva a buscar as fontes de origens variadas, dentre as quais se pode tratar o tema. Pensa-se, segundo esse critério, em buscar os bibliógrafos

6 “Aos Leitores”. In: SYLVA, Mathias Pereira, *A Fénix Renascida*, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. (...) II Tomo. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1746.

que se dedicaram exclusivamente à obra do poeta, debruçando-se sobre a detecção e indicação das fontes diretas que de alguma maneira referiram a autoria de seus escritos. Entre elas, encontramos copistas que colecionaram composições dessa tradição (via registro de tradição oral ou via coleção de manuscritos), editores que se preocuparam com a sistematização dessa obra e ainda estudos especializados no resgate e na organização de todas essas possibilidades de localização das composições. Ousamos dizer que essas atividades devem ser complementares e certamente incompletas, posto que a cada leitura de manuscritos novas informações acabam por promover mudanças nos resultados de pesquisas já realizadas.

Nesse sentido, entende-se que no estudo do século XVII persiste uma questão crucial. Se, por um lado, há muito material adormecido a ser pesquisado nas bibliotecas e arquivos, por outro lado, há a necessidade de que o método de pesquisa não se restrinja à coleta, mas passe também pelo crivo rigoroso da atividade filológica e assegure minimamente a exatidão da resposta que se pretende dar à busca.

Olhando para a questão no ambiente seiscentista e setecentista retoma-se a presença (como releitura) das concepções horácianas de “Poeta”, “Engenho” e “Livreiro”, correntes naqueles dois séculos, momento em que se detecta uma diferença de interpretação e uso tanto no distanciamento temporal da *Epistula ad Pisones*, quanto em relação aos dias atuais. Observemos o excerto da adaptação da *Arte poética de Horácio* traduzida, naquele momento, por Couto Guerreiro⁷:

Leva a palma o Poeta, que engenhoso

Sabe o útil unir ao deleitoso;

O que faz o Leitor mais entendido,

7 Escolhe-se aqui uma versão coetânea aos poemas discutidos, visando utilizar a tradução feita desde um ponto de vista próximo do vigente à época, qual seja, de um tradutor seiscentista, que se apropriou de conceitos contemporâneos para a releitura da *Poética* de Horácio, em Portugal.

Deixando-o ao mesmo tempo divertido:

Hum Livro, que tem estes predicados;

Dá aos Livreiros Socios seus cruzados;

Leva-se além do mar, faz a notável

Vida de seu Author mais perdurável

(HORÁCIO, Trad. Miguel do Couto Guerreiro, 1772, p. 25-6).

Constata-se que os rigores estético e formal foram mais observados do que os rigores filológico-editoriais. A coletânea *Fénix*, segundo o ponto de vista do editor, visou claramente alcançar as metas do “Livreiro”, apontadas no segundo quarteto do excerto, tendo o editor Mathias Pereria da Sylva deslocado as “palmas dos Poetas” para a monumentalidade requerida no subtítulo da obra. Com essa estratégia, abrigou sob o rótulo dos “melhores engenhos portugueses” as composições daquela tradição de circulação tidas por ele e pelos mecenas como as mais primorosas da língua portuguesa.

E cabe aqui comentar algumas práticas de difusão que foram tão bem resgatadas por estudiosos daquele período, entre os quais Bouza (2016), para o qual existiram alguns processos de difusão que concorreram com a imprensa, as cópias manuscritas cujo fazer chegou a funcionar como uma pedagogia da boa escrita, ou o status de artesanal conferido àquelas cópias pelos colecionadores e bibliófilos e, mesmo em sentido inverso a essa supervalorização, o poder dos libelos como concorrentes ou como válvulas de escape dos rigores dos processos de impressão de obras.

Portanto, a revisão das obras colecionadas na *Fénix Renascida* ou obras poeticas dos melhores engenhos portugueses, na edição de 1746⁸, faz compreender que este monumento da literatura portu-

8 Fazemos a opção pela edição de 1746 tanto pela disponibilidade, quanto pela mencionada inclusão de novas composições em relação à primeira edição (datada do intervalo compreendido entre os anos de 1716 e 1728, anos nos quais seus cinco volumes foram impressos).

guesa passou por criterioso processo de seleção estético formal por parte de seu editor. A estrutura de organização da obra experimentou diversos passos, os quais se repetiram ou se aperfeiçoaram, ou ainda foram substituídos ao longo da primeira edição em cada um de seus tomos e também na reedição do conjunto, fazendo-se apresentar ao final como obra coesa, embora ressentida de algumas fraturas internas, dentre as quais a indicação das autorias parece ter constituído percalço contínuo e incontornável ao longo das décadas de dedicação de Mathias Pereira da Sylva.

Recentemente, Nunes (2024)⁹, em sua tese de doutoramento tratou da indicação dos critérios de seleção dos chamados “melhores engenhos portugueses”, adentrando questões censórias, formais e culturais que emolduraram a *Fénix*. Desse estudo, ressalta-se a importância das indicações feitas na definição de autorias das composições da tradição poética do Portugal quinhentista, seiscentista e um pouco setecentista que se permitiu ser coletada pelo editor¹⁰.

Ao se recompor um índice geral da obra, percebemos que, além da seleção dedicada aos assuntos ou temas propriamente ditos, havia ainda a hierarquização desses temas (alguns recorrentes) a autorias definidas ou registradas e autorias duvidosas (ou, como afirmou o próprio Sylva, propositalmente não indicadas).

9 Nunes, Josias de Oliveira. *Mathias Pereira da Sylva, mecenato e poder: a organização da antologia poética a Fénix Renascida ou Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses*, 2ª edição, 1746 / Josias de Oliveira Nunes. -- Assis, 2024, 265 p. : tabs., Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, Orientador: Carlos Eduardo Mendes de Moraes.

10 A reunião de poemas mormente seiscentistas em uma composição dos Setecentos merece, também, alguma observação. Nessa transição entre os dois séculos, uma expressão mais objetiva, tendente à imitação de um modelo neoclássico, nota-se que a poesia do século imediatamente anterior não havia sido suplantada no primeiro quartel dos Setecentos. A *Fénix* data, na sua primeira edição, dos anos iniciais da década de 1720, cabendo, portanto, projetar-se um olhar para este tempo recentemente passado dos anos mil e seiscentos. Mathias Pereira da Sylva, o editor, amparado censória e financeiramente por uma classe nobre que se revelou na indicação do mecenas de cada um dos tomos publicados, certamente representou a voz de uma tendência de admiração à poesia “do século passado”. Curioso, entretanto, é entender que todas as anotações dos punhos dos arquivistas/bibliotecários é de uma escrita do século da produção da obra e que elas são posteriores à publicação da segunda edição, de 1746, ficando, assim patente a empreitada editorial bem sucedida do editor.

Assim, na esteira da questão, é imperioso trazer à discussão as informações mais recentes e mais detalhadas da existência de fontes da tradição manuscrita de Fonseca Soares, no âmbito da tradição da poesia portuguesa seiscentista, com as contribuições de especialistas como António Correia Viana e Maria de Lourdes Belchior Pontes, os quais dedicaram grande tempo dos seus estudos para o poeta obliterado da *Fénix*, no que diz respeito à indicação de autoria.

Pesquisas sobre a tradição de António da Fonseca Soares: António Correia Viana, Maria de Lourdes Belchior Pontes¹¹ e o GPMILA - Manuscritos e Impressos Luso Americanos

Estas reflexões buscam reconhecer algumas composições de António da Fonseca Soares no rol dos poemas de autorias indicadas por Sylva como “Anonymos” e/ou “Outros Autores”. A decisão de Sylva, naquela altura justificada, hoje é questionada quando confrontamos as cópias manuscritas de António Correia Viana, editor que organizou a obra poética de António da Fonseca Soares em uma coletânea de manuscritos datada do período 1777-1783, guardada pela Biblioteca da Ajuda, assim como a pesquisa de Maria de Lourdes Belchior Pontes, dos anos 1950, que culminou na *Bibliografia* acima citada, além dos registros de farta indicação de tradição manuscrita, também organizada por Pontes, como se observa nesta seção.

Na *Bibliografia*, Pontes indica as composições colecionadas na obra de Sylva que, pela tradição manuscrita, são atribuídas ao poeta em questão. Essas composições de Fonseca Soares foram organizadas pela autora em obra dedicada exclusivamente para este fim. A lista arrola os manuscritos atribuídos ao poeta, organizados por formas

11 Pontes, Maria de Lourdes Belchior. *Bibliografia de António Soares da Fonseca Soares* (Frei António das Chagas). Lisboa: Livraria Sá da Costa (Publicações do Centro de Estudos Filológicos), 1950, 128 p.

poemáticas e identificados pelo primeiro verso de cada poema. Separam-se também as composições por forma poemática e por numeração sequencial em ordem alfabética das iniciais dos primeiros versos, indicadas posteriormente em notas de rodapé específicas para as publicações impressas (nas quais predominam as referências à *Fénix*), complementares às ubicações nos manuscritos constantes do corpo do texto. Juntamente às respectivas cotas de cada biblioteca e com observações sobre cópias, encontram-se as indicações das variantes e possíveis inserções. A *Bibliografia de António da Fonseca Soares* é, nesse sentido, marco inicial para a determinação de uma tradição manuscrita da obra do poeta.

A autora aponta uma coleção de 298 romances portugueses, 110 romances castelhanos, 86 sonetos, 18 glosas, 9 décimas, 2 madrigais, 16 poesias em outras formas variadas, além de apontamentos, sermões, cartas, pareceres e o extenso poema “Filis y Demofonte”, todas atribuídas a António da Fonseca Soares. Dessa extensa tradição, encontramos 73 sonetos que figuraram na *Fénix* sem a referência nominal de Mathias Pereira da Sylva a António da Fonseca Soares. Pela tradição restabelecida, observamos que a circulação daqueles títulos sob a *persona* de Fonseca Soares parece ter sido muito mais ampla do que as restrições apontadas por Sylva nos critérios constantes da justificativa resgatada na sua advertência do Tomo II.

As pesquisas de Viana e Pontes embasam o trabalho de coleta e transcrição que o GPMILA levou a cabo no período de março de 2016 a dezembro de 2019¹². A aquisição das cópias das imagens da obra de Fonseca Soares, nesse projeto do grupo de pesquisa, vieram do inventário da poesia que António Correia Viana organizou e que consta dos manuscritos da Biblioteca da Ajuda, organizada segundo as cotas 49-III-74, 49-III-75, 49-III-76, 49-III-77, 49-III-78, 49-III-79, 49-III-

12 Proc. FAPESP 2016/17138-3. Auxílio à pesquisa que financiou a aquisição, pesquisa de campo complementar e transcrição dos manuscritos de António Correia Viana relativos à obra de Fonseca Soares.

80 e 49-III-81¹³ daquela instituição. Ao final da transcrição, o GPMILA chegou ao número de 926 poemas atribuídos a António da Fonseca Soares, os quais coincidem quase integralmente com as indicações de Pontes e acrescentam àquele inventário outras composições que, segundo as páginas iniciais dos manuscritos da Biblioteca da Ajuda, reúnem principalmente poemas que foram indicados na *Fénix* como anónimos (cf. referências manuscritas ao final do trabalho).

Por fim, os principais inventários da obra de Fonseca Soares, a esta altura das pesquisas do GPMILA, atestam a existência desses quase mil poemas atribuídos ao poeta. Deles, uma parcela coincide com as indicações de participação na *Fénix*, sem que, todavia, nenhuma menção a eles tenha sido feita nas duas edições da coletânea. Diante dessas constatações, as buscas do GPMILA foram dirigidas para a indicação de um número exato de poemas de António da Fonseca Soares segundo a tradição e que, no entanto, figuram como anônimas ou de autorias diversas na obra de Sylva.

Neste artigo discute-se exclusivamente a presença dos sonetos, por aparecerem na sua quase totalidade e com referências provavelmente feitas por bibliotecários nos manuscritos 350 e 351 dos Reservados da BGUC¹⁴. Em alguns casos, a referência é única em apenas um ou nos dois manuscritos¹⁵.

Dessa maneira, a justificativa para a revisão dos critérios de Sylva (que passaram por algumas revisões quando da publicação do tomo II da segunda edição da *Fénix*) se encontra estribada em pelo menos duas pesquisas de frentes diferentes, mas que visam, da mesma for-

13 Cf. referências manuscritas, ao final do trabalho.

14 Além das cópias adquiridas com verba do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, referimos informações de que os referidos manuscritos estão catalogados no Catálogo de manuscritos, publicado no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* vol. 3, no ano de 1935, informação à qual se tem acesso pelo link https://openlibrary.org/books/OL50343179M/Cat%C3%A1logo_de_manuscritos#editions-list.

15 Algumas das composições comparadas neste artigo aparecem repetidas com ou sem indicação de punhos (possivelmente de bibliotecários) no ms. 384.

ma, recompor a tradição manuscrita da poesia de Fonseca Soares: António Correia Viana, cuja preocupação era a de complementar o rol de poemas de Fonseca Soares que “não foram contemplados como anônimos na *Fénix Renascida*” (cf. páginas iniciais dos mss. 49-III-74 a 49-III-80, da Biblioteca da Ajuda) e a de Maria de Lourdes Belchior Pontes (cf. *Bibliografia de António da Fonseca Soares*), a qual elaborou primoroso inventário das composições, organizadas por forma / gênero poético, em ordem alfabética do primeiro verso, às quais acrescentou o maior número possível de referências de cópias da tradição manuscrita, igualmente indicadas por instituto, cota e página / fólio, além da presença dessas composições na publicação da *Fénix*, primordialmente indicadas na primeira edição.

A partir dessa *recensio*, o GPMILA pode elaborar um diretório com transcrições conservadoras feitas com base no inventário de Correia Viana, apensando à apresentação de cada arquivo / poema as informações de localização contidas em Pontes, de modo a compor um ponto de partida para a *recensio* com todas as variantes em possível edição da obra de Fonseca Soares. Com base nessas três pesquisas, o processo de transcrição dos mss. 350 e 351 esclareceu pontos fundamentais do reconhecimento de fontes para a identificação dos sonetos atribuídos pela tradição manuscrita a Fonseca Soares, posto que a tradição dos romances é bastante mais extensa e representa objeto para outra pesquisa, que não com estes referidos manuscritos.

Ressalte-se, ainda, que os documentos ms. 350 e 351 não são os únicos constantes do acervo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra a referirem cópias de registros da obra de António da Fonseca Soares. No período compreendido entre os anos de 2000 e 2010, realizamos uma busca *in loco* durante algumas visitas ao acervo do local, desde nossa pesquisa de Pós-Doutorado (Proc. FAPESP 01/05452-0), sob orientação do Prof. Dr. Aníbal Pinto de Castro, no período de 19/09/2001 a 18/04/2002, até a aquisição das cópias digitalizadas dos referidos poemas, no ano de 2021, com auxílio do Programa de

Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, *Campus* da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). O inventário das composições resume-se ao seguinte quadro:

BGUC Mss.	CONTEÚDO
103	2 sonetos, 1 poema em redondilhas
338	22 romances, 1 glosa, 3 décimas
345	Carta de conversão dirigida a D. Francisco de Sousa
350/351	Manuscritos objetos deste artigo
357	143 romances
364	14 romances, 2 sonetos
370	6 romances, 1 poema em décimas
371	5 romances, 1 canção, 1 soneto
380	44 romances (3 deles marcados como dúvida do copista)
381	3 sonetos
384	Exclusivo de Antônio da Fonseca Soares (156 poemas)
385	Cópia do poema "Filis y Demofonte" (10 cantos)
392	Versão única do romance "A huma Dama emforcada..." 27 romances e 1 soneto
394	26 romances, 1 seguidilha
396	3 romances, 20 sonetos, 2 décimas
398	2 romances
400	4 elegias
405	9 romances
516	1 soneto
526	5 sonetos
555	6 sonetos
1091	Cartas ("Flores 1, 2, 7, 8 e 14", contendo décimas, sonetos, tercetos)
1134	19 romances (+ 1 romance incompleto)
1350	1 romance
1553	28 romances, 1 tercetos, 1 décimas (+ 1 dúvida de autoria)
1636	50 sonetos, 2 tercetos, 1 décima e 1 endecha
2829	131 romances, 2 sonetos, 1 tercetos
2998	105 romances

Desse levantamento, os manuscritos 357, 384, 385 e 2998 possuem conteúdos exclusivos da obra de Antônio da Fonseca Soares. Assim, é pertinente afirmar que sua inserção na tradição seiscentista de cir-

culação de poemas era de suma importância, pela respeitabilidade que atingiu enquanto autor religioso, onde foi identificado como Frei António das Chagas e logrou conjunto significativo de composições impressas¹⁶: *Obras espirituais* (1ª. parte, Lisboa, 1684, 1688; 2ª. parte, Lisboa, 1687, 1688 e depois conjunta, Lisboa 1701, 1715, 1735 e 1762); *Obras espirituais póstumas* (Lisboa, 1684, 1715; Coimbra, 1685, 1700, 1728); *Cartas Espirituais* (Lisboa, 1684, 1687, 1701, 1736, 1762, 1939, 2000¹⁷); *Ramalhete espiritual* (Lisboa, 1722, 1764); *Sermões genuínos e práticas espirituais* (Lisboa, 1690, 1707, 1738, 1763); *escola de peitência e flagelo de viciosos costumes* (Lisboa, 1687, 1738, 1763); *Desengano do mundo pelo mais enganado dele* (Coimbra, 1743); *Espelho do espírito* (Lisboa, 1863); *Làgrimas e faíscas do amor divino* (Lisboa, 1663); *O Padre Nosso comentado* (Lisboa, 1688); *Carta escrita a um amigo depois de ser religioso* (Lisboa, 1738); *Fugida para o deserto e desengano do mundo* (Lisboa, 1752, 1756); *Suspiros e saudades de Deus* (Coimbra, 1830); *Desejos piedosos* (Lisboa, 1688, Coimbra, 1725); *Contrição de um pecador arrependido* (Lisboa, 1685); *Quatro elegias em tercetos portugueses* (Coimbra, 1743)¹⁸; *Mourão restaurado* (Lisboa, 1658)¹⁹; *Canto panegírico à vitória de Elvas* (Lisboa, 1659, Elvas, 1906)²⁰. Por outro lado, a difusão dos escritos atribuídos à sua pena, segundo a tradição manuscrita, levam ao inventário acima, que o coloca em condição de letrado de destaque, quer na reprodução dos manuscritos exclusivamente dedicados a seus poemas, que como participante de uma rede de letrados inseridos nas práticas de difusão e recepção da escrita dos séculos XVI e XVII, confirmam a importância de sua obra. Para ilustrar essa afirmação, recorreremos a um dos pontos de

16 Cf. Pontes, 1950.

17 Cf. Morujão, 2000.

18 Estas elegias constam das transcrições feitas da obra secular de António da Fonseca Soares pelo grupo de pesquisa Manuscritos e Impressos Luso Americanos – MILA, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

19 Cf. nota anterior.

20 Idem.

discussão de Fernando Bouza (2016) que diversas modalidades de escrita / recepção segundo a tradição.

Na primeira delas, há de se pensar na reprodução da poesia pelas cópias de uma tradição oral, ou de uma tradição de cópias que levam à constituição de uma prática concorrente à da reprodução tipográfica. Nas palavras de Bouza,

No obstante, los que aquí más nos interesan no son estos estudiantes que copian de noche, sino quienes parecen haberse dedicado profesionalmente a la copia general de manuscritos. Éstos, convertidos en escritores itinerantes o asentados en alguna ciudad, habrían puesto sus servicios a disposición del mejor postor a cambio de un sueldo, estipulado en atención al número de folios que copiasen. (...) Así, viene a describirse una suerte de sistema de copia a peca en el cual distintos copistas, (...) se ocupaban de trasladar por separado los cuadernos de un mismo original, devolviéndolos a medida que habían concluido su trabajo (...)

Nestas condições, observa-se que os poemas manuscritos atribuídos a Fonseca Soares possuem as duas características significativamente marcantes, a de apresentar uma poesia tida como de “domínio” popular, no sentido de reproduzir modelos de elaboração que se consagraram na veiculação dos escritos ao longo dos séculos XVI e XVII e a de pertencer a um rico sistema de cópias, o que se pode observar no inventário dos manuscritos.

Para corroborar este segundo dado, apresentamos algumas características da transcrição do poema “Boca pequena, olhos grandes”, da tradição de manuscritos de Fonseca Soares, cuja difusão é extensa, ao confrontarmos o seu conjunto de cópias coligido no cruzamento das pesquisas de Viana, Pontes e do GPMILA:

A huma Dama, que por q’ o Autor se lhe não inclinava, disse, que lhe havia dar feitissos para q’ elle lhe quizesse bem.

Romance

Boca pequena, olhos grandes,
 mãos brancas, e dentes limpos:
 creyo que athé sobrepósse,
 são Filis, os meus feitissos.
 (...) =Estribilho=
 Baste de Amor a Grassa;
 que hum taõ crescido,
 não he bem que hoje chore
 coizas de brinco.

Importa menos o conteúdo, para que atentemos à tradição registrada por Pontes, acrescida pelo GPMILA dos dados de Correia Viana:

MLBP²¹ 28, 57

ANTT²² 1726 fl. 117; 2237 fl. 327

BNL²³ 3368 fl. 13v.; 3549 p.g. 94; 6104 ro., 25; 6269 fl.. 328v.; 6430 pg.. 318; 8576 fl. 32; 8614 fl. 34v. 9321 fl. 313v.; 9322 fl. 190v.;

BGUC²⁴ 351 fl. 175v; 357 fl. 20v ROM. 14.; 382 fl. 198v.; 384 f. 202v.; 555 pg. 489; 1553 fl. 248v.

BPB²⁵ 5 pg. 232; 373 fl. 163v.

BPMP²⁶ 1186

CEMM / BGUC²⁷ ms. 2998 fl. 149 rom. 98

BA²⁸ 49 III 82 fl. 217; BA 49 III 83 fl. 350.

21 Maria de Lourdes Belchior Pontes, página, número do poema.

22 Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fólio ou página.

23 Biblioteca Nacional de Portugal (antiga Biblioteca Nacional de Lisboa), fólio ou página.

24 Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fólio ou página.

25 Biblioteca Pública de Braga: fólio ou página.

26 Biblioteca Pública Municipal do Porto, fólio ou página.

27 Carlos Eduardo Mendes de Moraes, pesquisa de pós-doutorado na BGUC, fólio ou página.

28 Biblioteca da Ajuda, fólio ou página. No caso da BA, há também uma subdivisão BACV que diz respeito aos manuscritos colacionados por António Correia Viana.

A indicação feita por Pontes e os dados do inventário figuram no arquivo como MLBP, ao passo que cada uma das versões deve aparecer em seguida, segundo o andamento do processo de transcrição. O estágio da pesquisa, hoje, é de transcrição total dos manuscritos da Ajuda (todos os BA e BACV, totalizando 3400 fólios, aproximadamente) e transcrição parcial dos manuscritos de Coimbra (BGUC, até a altura do ms. 351).

Os Manuscritos 350 e 351 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

O documento BGUC ms. 350, nesse sentido, traz importantes informações, ora feitas por dois dos quatro punhos que se pode identificar neles, ora feito por um quinto punho, cujas características são as de registro de um arquivista ou bibliotecário que se encarregou de indicar nos rodapés, nas margens ou nas entrelinhas as composições como poemas publicados no rol dos “melhores engenhos portugueses”, subtítulo da antologia, conforme a imagem seguinte:

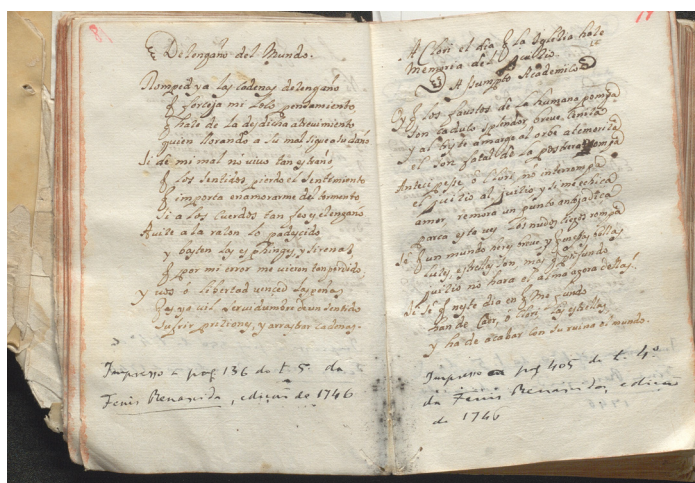


Fig. 1: Foto dos fólios 16v e 17 do ms. 350, dos quais constam nos rodapés indicações das ubicações dos poemas na *Fénix Renascida*. Observe-se o punho diferente, possivelmente de um bibliotecário (adquirida com verba do PPGL da FCL de Assis-UNESP, junto ao acervo da BGUC).

Este manuscrito recebeu transcrição diplomática no GPMILA. Nele, os dados fundamentais são a presença dos sonetos atribuídos a António da Fonseca Soares e colecionados na obra de Sylva, além do fato de que em muitos de seus fólhos, como na ilustração acima, há o registro provavelmente de algum bibliotecário a respeito da localização do poema na *Fénix*. Em contrapartida, o número de composições coincidentes com a publicação da obra de Sylva é menor do que aquele existente no manuscrito 351.

No manuscrito 351, por seu turno, encontram-se quase todos os sonetos atribuídos a Fonseca Soares recolhidos por Pontes. Falta apenas o soneto iniciado pelo verso *Tão bravo o golpe, ó Conde ilustre destes*, publicado à página 400 do tomo IV da *Fénix* (tomo dedicado ao excellentíssimo Senhor Dom Joam Mascarenhas, Conde de Santa Cruz &c. Primogentito do Excellentíssimo Senhor Marquez Mordomo Mór), que glosa o tema “Ao Conde da Torre matando hum Touro de huma cutilada, chegando a espada a riscar a terra”, e que Pontes identifica apenas na edição de 1746. *Já a indicação dos sonetos neste manuscrito se dá pela numeração dos fólhos somada à sequência numérica (1 a 72) dos sonetos de Fonseca Soares.*

Os dados a respeito da obra de Pontes provavelmente estão baseados na 1ª. edição da *Fénix*, posto que numeração das páginas indicadas em geral não coincidem com a segunda edição. Ademais, algumas referências apenas aparecem indicadas pelo complemento “ed. 1746”, corroborando esta ideia. É importante anotar também que a indicação das divergências de autoria (ora anónimos, ora outros autores, ambas as ocorrências) é prova de que a pesquisadora coloca em dúvida as indicações de Sylva. Estas indicações são feitas sempre em nota de rodapé, *à parte* do corpo do texto onde se registram os dados do inventário.

A síntese, que se apresenta no quadro abaixo demonstra as composições atribuídas a António da Fonseca Soares constantes do ma-

nuscrito 350 e que, segundo os levantamentos de Pontes²⁹ e as pesquisas do GPMILA³⁰ figuram como “Poemas Anónimos” ou poemas atribuídos a outros autores na *Fénix*.

Cota do manuscrito BGUC		Fénix Renascida (ed. 1746)	Tradição Manuscrita de Fonseca Soares, segundo Pontes (1950) ³¹
Ms. 350	Fl. 21v Senhor ja toda espanha amedrontada	<i>Senhor já toda Espanha ame- drontada</i> <i>II, 27</i>	MLBP p. 99, 78. (FR II, 27, Francisco de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 122, son. 01 Senhor ja toda Espanha amedrontada		
Ms. 350	Fl. 21 Esse muro em ruinas dezatado	<i>Esse muro em ruinas desatado</i> <i>II, 28</i>	MLBP p. 90, 35. (FR II, 28, Francisco de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 122v, son. 04 Esse muro em ruinas de- satado		
Ms. 350	Fl. 22 Se Melo inuicto aminha voz dissera	<i>Se, Mello invicto, a minha uoz dissera,</i> <i>II, 29</i>	MLBP p. 99, 78. (FR II, 29, Francisco de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 122v, son. 03 Se Mello inuicto, a minha uoz dissera		
Ms. 350		<i>Soberano Monarca, hoje re- nasce,</i> <i>II, 30</i>	MLBP p. 95, 56. (FR II, 30, Francisco de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 122, son. 02 Monarca soberano hoje renace		
Ms. 350		<i>Ignorada razão, fatal mysterio,</i> <i>II, 31</i>	MLBP p. 94, 51. (FR II, 31, Francisco de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 126, son. 16 Ignorada razão, fatal misterio		
Ms. 350	Fl. 8 Corre al mar con sedienta hydropezi	<i>Corre al mar con sedienta hydropesia,</i> <i>II, 32</i>	MLBP p. 85, 10 (FR II, 32, anónimo)
Ms. 351	Fl. 127, son. 20 Corre al mar con sedienta hydropezia		

29 PONTES, M. de L. B. *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Frei Antonio das Chagas)*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1950. 124 p..

30 Grupo de Pesquisa Manuscritos e Impressos Luso Americanos da FCL de Assis.

31 As referências de Pontes (1950), em geral são pautadas na primeira edição de *Fénix*. Na ocorrência da segunda edição, serão marcadas com o ano “[1746]”.

Ms. 350	Fl. 22 Filis, uiua mi amor abor- resçido,	<i>Filis, viva mi amor aborrecido,</i>	MLBP p. 92, 46 (FR II, 88, António Barbosa Bacelar)
Ms. 351	Fl. 129v, son. 30 Filis uiua mi amor aborrecido	<i>II, 87</i>	
Ms. 350	Fl. 19 Fabio bem que essa fonte entre as eruinhas	<i>Fabio, bem essa fonte entre as hervinhas</i>	MLBP p. 90, 36. (FR II, 89, António Barbo- sa Bacelar)
Ms. 351	Fl. 134v, son. 49 Fabio em q' essa fonte entre as eruinhas	<i>II, 89</i>	
Ms. 350	Fl. 126v, son. 19 Filis, si es fuerça uendoaos, desearos,	<i>Filis, si es fuerça viendo-os, desearos</i> <i>II, 26 (repete-se em IV, 398)</i>	MLBP p. 92, 45. (FR II, 126, Francisco de Vasconcelos) (FR IV, 388 [1746] anó- nimo)
Ms. 350		<i>Como si fuera error nacer luzida,</i>	MLBP p. 84, 07 (FR IV, 248, anónimo)
Ms. 351	Fl. 130v, son. 34 Como sifuera error nacer luzida	<i>II, 247</i>	
Ms. 350	Fl. 25v. De toscas archas, ó flor, natureza	<i>De toscas archas, ó flor, natu- raleza</i>	MLBP p. 86, 17 (FR IV, 249, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 133v, son. 46 De toscas archas, flor, na- tureza	<i>II, 248</i>	
Ms. 350		<i>Que avarienta tu occaso solicitas,</i>	MLBP p. 98, 71 (FR II, 250, anónimo)
Ms. 351	Fl. 131, son. 35 Quando e auarienta el occa- so solicitas	<i>II, 249</i>	
Ms. 350		<i>En verde throno magestad florida</i>	MLBP p. 88, 26 (FR II, 251, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 137v, son. 61 En uerde trono magestad florida	<i>II, 250</i>	
Ms. 350		<i>No de nacer para acabar medrosa,</i>	MLBP p. 96, 61 (FR II, 152, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 137, son. 60 Nò de nacer p ^a . acabar hermosa, medrosa	<i>II, 251</i>	
Ms. 350		<i>Reyna de Abril, tus vanas ma- jestades</i>	MLBP p. 98, 74 FR II, 252 (anónimo)
Ms. 351	Fl. 131, son. 36 Reyna de Abril, tua uanas majestades	<i>II, 252 (repetição no IV, 408)</i>	FR IV, 408 (anónimo ou Simão Cardoso)

Ms. 350		<i>No duras, flor, en tus ostentaciones,</i> <i>II, 253</i>	MLBP p. 96, 63 (FR II, 254, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 131, son. 37 No duras flor en tus ostentaciones		
Ms. 350	Fl. 2v Sy todo cresce o mengua hasta la muerte	<i>Si todo cresce o mengua hasta la muerte</i> <i>II, 254</i>	MLBP p. 100, 82 (FR II, 255, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 133, son. 44 Si todo crece, ò mengua hasta la muerte		
Ms. 350	Fl. 2 Tucarmin de uiuir como ofendido	<i>Tu carmin de vivir como offendido</i> <i>II, 256</i>	MLBP p. 101, 86 (FR II, 257, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 133, son. 43 Tu carmin de uiuir como offendido		
Ms. 350	Fl. 1v Apenas del jardin Reyna olorosa	<i>Apenas del jardin reyna olorosa</i> <i>II, 257</i>	MLBP p. 83, 02 (FR II, 258, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 132v, son. 42 Apenas /del jardin reyna olorosa)		
Ms. 350	Fl. 1 Amaneciste ó Reyna de las flores	<i>Amaneciste, ó reyna de las flores,</i> <i>II, 258</i>	MLBP p. 83, 01 (FR II, 259, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 132v, son. 41 Amaneciste, ò Reyna de las flores,		
Ms. 350		<i>Esse aljofar fecundo de la Aurora,</i> <i>II, 260</i>	MLBP p. 89, 34 (FR II, 261, anónimo ou Simão Cardoso)
Ms. 351	Fl. 131v, son. 38 Esse aljofar fecundo de Aurora		
Ms. 350	Fl. 24 Instante de jasmin, concepto breue,	<i>Instante de jasmin, concepto breue,</i> <i>III, 202</i>	MLBP p. 94, 53 (FR V, 120, anónimo)
Ms. 351	Fl. 135, son. 51 Iñstante de Jasmin, concepto breue,		

Ms. 350	Fl. 23 Ó Cloris de q' me sirue idolatrarte	<i>Clori de que me sirve el adorarte,</i> <i>III, 370</i>	MLBP p. 84, 05 (FR III, 370, anónimo)
Ms. 351	Fl. 137v, son. 62 Cloris de q' me sirue ido- latrarte		
Ms. 350	Fl. 26v Si la uida del hombre incier- ta, y breue	<i>Si la vida del hombre incierta, y breue,</i> <i>III, 371</i>	MLBP p. 100, 81 (FR III, 373, anónimo)
Ms. 351	Fl. 138v, son. 66 (sonetos morales) Si la uida del hombre incier- ta y breue		
Ms. 350	Fl. 28 Buelan las horas passança los dias	<i>Buelan las horas, passanse los dias,</i> <i>III, 372</i>	MLBP p. 83, 04 (FR III, 372, Jacinto Freire de Andrade)
Ms. 351	Fl. 139v, son. 69 (sonetos morales) Buelan las horas; passanse los dias,		
Ms. 350		Si entre esquadrones verdes imperiosa <i>IV, 344</i>	MLBP p. 99, 79 (FR IV, 320, Diogo Mon- roy de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 132, son. 39 Si entre esquadrones uerdes imperiosa		
Ms. 350		Si Essas lagrimas son, flor lastimosa, <i>IV, 345</i>	MLBP p. 100, 80 (com variantes) (FR IV, 321, Diogo Mon- roy de Vasconcelos) ACV BA 49-III-75, fl. 7
Ms. 351	Fl. 132, son. 40 Si essas lagrimas son, flor lastimosa,		
Ms. 350	Fl. 30 Nesse Narcizo de los Brutos uano	<i>Nesse Narcizo de los brutos vanos</i> <i>IV, 347</i>	MLBP p. 88, 29 (FR IV, 323 [347], Diogo Monroy e Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 124v, son. 11 Esse Narcizo de los brutos uano		
Ms. 350	???	<i>Auzente, desterrado, y peregrino</i> <i>IV, 348</i>	MLBP p. 83, 03 (FR IV, 324, Diogo Mon- roy de Vasconcelos)
Ms. 351	Auzente desterrado y pe- regrino Fl. 129, son. 39 Auzente, desterrado y peregrino		

Ms. 350	Fl. 18 De undosa plata en biuoras se quiebra	<i>De undosa plata en vivoras se quebra</i> <i>IV, 349</i>	MLBP p. 86, 18 (FR IV, 325, Diogo Mon- roy de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 136, son. 55 De undosa plata en biuoras se quiebra		
Ms. 350	Fl. 13 Nó des ó Licio aturazon la muerte	<i>Nó des, ó Licio, a tu razon la muerte</i> <i>IV, 350</i>	MLBP p. 96, 62 (FR IV, 326, Diogo Mon- roy de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 140, son. 71 (sonetos morales) Nò des, ò Licio, a tu razon le muerte		
Ms. 350	Fl. 26 Postremse ya los idolos profanos	<i>Postrense ya los idolos profanos,</i> <i>IV, 355</i>	MLBP p. 97, 70 (FR IV, 331, Diogo Mon- roy de Vasconcelos)
Ms. 351	Fl. 138v, son. 65 (sonetos morales) Postrense yà los idolos profanos		
Ms. 350		<i>Filis, si es fuerça viendo-os, desearos,</i> <i>IV, 398 (repetição de II, 26)</i>	MLBP p. 92, 45 (com repetição em FR) (FR II, 126, Francisco de Vasconcelos) (FR IV, 388 [1746] anó- nimo)
Ms. 351	Fl. 126v, son. 19 Filis, si es fuerça uendoaos, desearos,		
Ms. 350		<i>Taõ bravo golpe, ó Conde illustre, destes</i> <i>IV, 400</i>	MLBP p. 101, 85 (FR IV, 400 [1746] anó- nimo)
Ms. 351			
Ms. 350	Fl. 29 Esta un tiempo de Ceres estructura,	<i>Esta en un tiempo de Ceres estructura,</i> <i>IV, 402</i>	MLBP p. 89, 31 (FR IV, 402 [1746] anó- nimo)
Ms. 351	Fl. 125v, son. 14 Esta un tiempo de Ceres <u>estatura</u> <u>estructura</u>		
Ms. 350	Fl. 14 Oy q' los faustos de la huma- na pompa	<i>Oy q' los faustos de la humana pompa</i> <i>IV, 405</i>	MLBP p. 97, 66 (FR IV, 405, [1746], anó- nimo)
Ms. 351	Fl. 137, son. 59 Oy q' los faustos de la huma- na pompa		

Ms. 350	Fl. 27v Oy q' en uezubios de su llanto uierte	<i>Oy, que en Vesubios de su llanto vierte</i>	MLBP p. 96, 65 (FR IV, 406 [1746], anónimo)
Ms. 351	Fl. 139, son. 68 (sonetos morales) Oy q' en Vesuuio de su llanto uierte	<i>IV, 406</i>	
Ms. 350	Fl. 15v Erigió Aeneas en su antigo stadio	<i>Erigio Athenas en su antigo estado</i>	MLBP p. 88, 27 (FR IV, 406 [1746], anónimo)
Ms. 351	Fl. 141, son. 72 (sonetos morales) Erigió Athenas en su antigo estudio	<i>IV, 407</i>	
Ms. 350			MLBP p. 98, 74 (repetição em FR)
Ms. 351	Fl. 131, son. 36 Reyna de Abril, tua uanas magestades	<i>Reina de Abril, tus vanas magestades</i> <i>IV, 408 (repetição do II, 252)</i>	(FR II, 252, anónimo) (FR IV, 408, [1746] anónimo)
Ms. 350	Fl. 37 Clori el sueño atreuido a tu respeto	<i>Clori, el sueño atreuido a tu respeto</i>	MLBP p. 84, 06 (FR IV, 409 [1746], anónimo)
Ms. 351	Fl. 135v, son. 53 Clori el sueño atreuido a tu respeto	<i>IV, 409</i>	
Ms. 350	Fl. 23v No tiene, ó Fabio, en la sublime esfera	<i>Nó tiene, ó Fabio, en la sublime esfera</i>	MLBP p. 96, 64 (FR V, 103, anónimo)
Ms. 351	Fl. 134, son. 47 No tiene [ò Fabio] en la sublime esfera	<i>V, 104</i>	
Ms. 350	Fl. 24v Fabio, no fue castigo, ni aspereza	<i>Fabio, no fué castigo, ni aspereza</i>	MLBP p. 90, 37 (FR II, 104, anónimo)
Ms. 351	Fl. 134, son. 48 Fabio, no fué castigo, ni aspereza	<i>V, 105</i>	
Ms. 350	Fl. 17v Sol q' en funesto assombro desmaiado	<i>Sol, que en funesto assombro desmayado</i>	MLBP p. 100, 83 (FR V, 105, anónimo)
Ms. 351	Fl. 135, son. 52 Sol, q' en funesto assombro desmayado	<i>V, 106</i>	

Ms. 350	Fl. 19v Deuino furto, em q' a maior fortuna (problemas com a rima "natureza")	<i>Divino furto, em que a mayor destreza</i>	MLBP p. 86, 19 (FR V, 107, anónimo)
Ms. 351	Fl. 129v, son. 31 Diuino furto em q' amayor fineza	V, 107	
Ms. 350		<i>Tan dulce iman, ó Fili, al pensamiento</i>	MLBP p. 100, 84 (FR V, 107, anónimo)
Ms. 351	Fl. 126v, son. 18 Tan dulce iman, ò Filis, al pensamiento	V, 108	
Ms. 350	Fl. 20 Fermozos olhos, se a essas luzes puras (problemas com a rima "desuanecellas")	<i>Formosos olhos, se a estas luzes belas</i>	MLBP p. 90, 38 (FR II, 108, anónimo)
Ms. 351	Fl. 130, son. 32 Formosos olhos se a essas luzes bellas	V, 109	
Ms. 350		<i>Esta razon, que a enloquecer me induxo,</i>	MLBP p. 89, 32 (FR V, 109, anónimo)
Ms. 351	Fl. 126, son. 17 Esta razon q' <u>en el querer</u> me induxo a <u>enloquecer</u> (sonetos amorosos)	V, 110	
Ms. 350	Fl. 20v Porq' inda em tronco Apolo nunca intente	<i>Porque inda em tronco Apollo nũa intête</i>	MLBP p. 97, 67 (FR V, 110, anónimo)
Ms. 351	Fl. 138, son. 63 Porq' inda em tronco Apollo nunca intente	V, 111	
Ms. 350		<i>Flor herida de Iris nó tan pura</i>	MLBP p. 93, 47 (FR V, 111, anónimo)
Ms. 351	Fl. 125v, son. 15 Flor herida del Iris nó tan pura	V, 112	
Ms. 350	Fl. 17 Filis q' an de importar los dezengaños	<i>Filis q' han de importar los dezengaños</i>	MLBP p. 94, 42 (com variante) (FR V, 112, anónimo)
Ms. 351	Fl. 137, son. 57 Filis q' han de importar los dezengaños	V, 113	

Ms. 350	Fl. 18v Edificio del tiempo destruido,	<i>Edificio del tiempo destruido,</i> V, 114	MLBP p. 87, 22 ³² (FR V, 113, anónimo)
Ms. 351	Fl. 134v, son. 50 Edificio del tiempo destruido,		
Ms. 350	Fl. 5 Esta ruina donde el alma ó Licio	<i>Estas ruinas donde el alma, ó Licio,</i>	MLBP p. 89, 33 (FR V, 114, anónimo)
Ms. 351	Fl. 138, son. 64 Esta ruina, donde el alma, ó Licio,	V, 115	
Ms. 350	Fl. 8v Filis nó se q' tiene su hermozura	<i>Filis, no se que tiene tu hermozura,</i>	MLBP p. 91, 41 (FR V, 115, anónimo)
Ms. 351	Fl. 127v, son. 22 Filis, nõ sè q' tiene su hermozura	V, 116	
Ms. 350	Fl. 9v Filis se foy o amor merescim ^{to} ,	<i>Filis, se foy o amor merecimento,</i>	MLBP p. 92, 43 (FR V, 116, anónimo)
Ms. 351	Fl. 128, son. 24 Filis se foy amor merecimiento	V, 117	
Ms. 350	Fl. 7v Como s'en la mar dudosa nave	<i>Como en la mar se vè dudoza nauve</i>	MLBP p. 84, 08, (com variante) (FR V, 118, anónimo)
Ms. 351	Fl. 127, son. 20 Como suele en la mar dudosa naue	V, 118	
Ms. 350	Fl. 9 Libre el cabello, el talle bien prendido	<i>Libre el cabello, el talle bien prendido</i>	MLBP p. 94, 55 (FR V, 120, anónimo)
Ms. 351	Fl. 127v, son. 23 Libre el cabello el talle bien prendido	V, 119	

32 Nota do ms. FR (anónimo). Publicado no Florilégio da Poesia Brasileira, atribuído, por Varnhagen, a Gregório de Matos e Guerra.

Ms. 350	Fl. 10 El ayre ronco, el mar embrauescido,	<i>El aire ronco, el mar embrauecido,</i> <i>V, 120</i>	MLBP p. 87, 23 (FR V, 119, anónimo)
Ms. 351	Fl. 128, son. 25 El ayre ronco, el mar embrauecido		
Ms. 350	Fl. 4 Incultos bosques asperos dessiertos	<i>Incultos bosques, ásperos desiertos,</i> <i>V, 121</i>	MLBP p. 94, 52 (FR V, 120, anónimo)
Ms. 351	Fl. 129, son. 29 Incultos bosques, asperos deziertos		
Ms. 350	Fl. 38 Que importa, ó Laura, pues mi amor ignoras	<i>Que importa, ó Laura, pues mi amor ignoras</i> <i>V, 122</i>	MLBP p. 98, 73 (FR V, 121, anónimo)
Ms. 351	Fl. 135v, son. 54 Que importa, ò Laura, pues mi amor sò ignoras		
Ms. 350	Fl. 37-37v Filis morrer de mal corres- pondido	<i>Filis, morrer de mal correspon- dido</i> <i>V, 123</i>	MLBP p. 91, 40 (FR V, 124, anónimo)
Ms. 351	Fl. 130, son. 33 Filis morrer de mal corres- pondido		
Ms. 350	Fl. 3v Dissen q' my desdicha estre- lla ha sido	<i>Dizen que mi desdicha estrella há sido,</i> <i>V, 124</i>	MLBP p. 97, 24 (FR [], 124, anónimo)
Ms. 351	Fl. 128v, son. 27 Dizen q' mi desdicha estrella ha sido		
Ms. 350	Fl. 37v Detened en los ojos la ternura,	<i>Detened en los ojos la ternura,</i> <i>V, 125</i>	MLBP p. 86, 15 (FR V, 124, anónimo)
Ms. 351	Fl. 136, son. 56 Detened en los ojos la ternura		
Ms. 350	Fl. 3 Disperta el alba en talamo de Rossa	<i>Despierta el Alba en talamo de rosa,</i> <i>V, 126</i>	MLBP p. 85, 14 (FR V, 125, anónimo)
Ms. 351	Fl. 128v, son. 26 Despierta el Alma en thala- mo de rosa		

Ms. 350	Fl. 29v De armas, e letras doutam ^{te} . unida	<i>De armas, e letras doutamente unida</i> V, 127	MLBP p. 85, 12 (FR V, 126, anónimo)
Ms. 351	Fl. 123v, son. 07 De armas, e Letras doutam ^{te} . unida		
Ms. 350	Fl. 15 Foj tal o assombro com q' a praça enchestes	<i>Foy tal o assôbro cõ q' a praça enchestes,</i> V, 128	MLBP p. 93, 49 (FR V, 127 [1746], anó- nimo)
Ms. 351	Fl. 124, son. 08 Foi tal o assombro com q' a praça enchestes		
Ms. 350	Fl. 16v Da mesma fama o mundo não sabia	<i>Da mesma fama o mundo não sabia</i> V, 129	MLBP p. 85, 11 (FR V, 128, anónimo)
Ms. 351	Fl. 125, son. 13 Da mesma fama o mundo não sabia		
Ms. 350	Fl. 14v Filis si Abril q ^{do} se ue triun- fante,	<i>Filis, si Abril quando se vê triun- fante,</i> V, 130	MLBP p. 92, 44 (FR V, 129, anónimo)
Ms. 351	Fl. 125, son. 12 Filis si de Abril q ^{dor} se ue triunfante,		
Ms. 350	Fl. 16 Feros o impulso, horrenda a Catadura	<i>Feroz o impulso, horrenda a catadura,</i> V, 131	MLBP p. 91, 39 (FR V, 130, anónimo)
Ms. 351	Fl. 124, son. 09 Feroz o impulso, horrenda a catadura		
Ms. 350		<i>Galhardo bruto, teu bizarro alento</i>	MLBP p. 93, 50 (FR V, 131, anónimo)
Ms. 351	Fl. 124v, son. 10 Galhardo bruto teo bisarro alento	V, 132	
Ms. 350		<i>Por vossa penna, ó Conde illustre, rara</i>	MLBP p. 97, 69 (FR V, 132, anónimo)
Ms. 351	Fl. 123v, son. 06 Por uossa pena, ó Conde illustre	V, 133	
Ms. 350		<i>Nesta pira funesta, ó peregrino,</i>	MLBP p. 95, 60 (FR V, 133, anónimo)
Ms. 351	Fl. 123, son. 05 Nessa pira funesta, ò pe- regrino	V, 134	

Ms. 350	Fl. 27 En este golpe de la uida incierto	<i>En este golfo de la vida incierto</i> <i>V, 135</i>	MLBP p. 88, 25 (FR V, 134, anónimo)
Ms. 351	Fl. 139, son. 67 (sonetos morales) En este golfo de la uida incierto		
Ms. 350	Fl. 13v Romped ya las cadenas dezen gaño	<i>Romped ya las cadenas dezen- gaño</i> <i>V, 136</i>	MLBP p. 99, 75 (FR V, 135, anónimo)
Ms. 351	Fl. 136v, son. 58 Romped ya las cadenas, desengaño		
Ms. 350	Fl. 28v Quebrãose as pedras ao final gemido	<i>Quebramse as pedras ao final gemido</i> <i>V, 137</i>	MLBP p. 98, 72 (FR V, 136, anónimo)
Ms. 351	Fl. 140, son. 70 (sonetos morales) Quebrãose as pedras ao final gemido		

Seguem algumas reflexões.

No quadro, o manuscrito 350 dos Reservados da Biblioteca Geral de Universidade de Coimbra se sobressai dentre as características de outros manuscritos da tradição, por traços que aqui sintetizamos logo a seguir. Nesse sentido, o ms. 350 da BGUC:

1. Reúne a maior quantidade de Sonetos espanhóis e portugueses atribuídos a Fonseca Soares em um mesmo volume;
2. Informa, graças ao trabalho inestimável do arquivista/bibliotecário, as coincidências de poemas com recorrência em outros manuscritos;
3. Reúne, com especial detalhamento, aqueles poemas que foram publicados por Mathias Pereira da Sylva na *Fénix Renascida*;
4. Coleciona um número bastante significativo de poemas de Fonseca Soares que não possuem cópia (com ou sem variantes) em outros documentos da tradição manuscrita.

Quanto ao ms. 351 dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, entendemos que sua função no propósito

da atribuição dos sonetos a Fonseca Soares é muito maior. Primeiramente, o manuscrito colecionou 72 dos 73 poemas que a pesquisa de Pontes concluiu sobre a atribuição das composições a Fonseca Soares. Apenas o soneto iniciado pelo verso “Taõ bravo golpe, ó Conde illustre, destes” (FR IV, p. 400, indicado na Bibliografia à p.101, soneto 85 como FR IV, p. 400 [ed. 1746]) não fez parte da coleção. Paralelamente, observamos também a consonância entre a *Fénix* e este manuscrito.

Comparativamente, o Ms. 350 fl. 19v apresenta problemas com relação à rima da primeira estrofe:

Deuino furto, em q’ maior **fortuna**,³³
industria fes de appeles peregrina,
se a furtos da arte Copia sois deuina,
q’ foreis sendo furto à **natureza?**

No *Fénix*, t. V, p. 107, o problema não existe:

Divino furto, em que a mayor destreza
Industria foy de Apelles peregrina,
Se a furtos da arte copia sois divina,
Que foreis sendo furto á natureza?

No ms. 351, Fl. 129v, son. 31, ainda que se constitua uma variante, a solução da rima é melhor:

Diuino furto em q’ amayor fineza
industria fes de Apelles peregrina
se a furtos dea arte copia sois diuina
q’ foreis sendo furto à natureza?

33 Observe-se que, pelo esquema rímico, este poema foi transcrito de memória. A versão da *Fénix* é mais adequada à lógica do desenvolvimento dos versos.

Comparando-se os sonetos, este segundo manuscrito parece estar mais em consonância com a produção da *Fénix*, o que pode indicar dois caminhos até opostos, ainda não estudados pelo GPMILA. O primeiro, seria que os poemas foram copiados da obra impressa, dada a exatidão numérica das ocorrências. Como o ms. 351 apresenta certa consonância com a ordem dos poemas, esta alternativa não se descarta. Todavia, o segundo caminho seria a leitura do manuscrito como uma fonte para a pesquisa da *Fénix*. Neste caso, entretanto, as leituras de apresentação dos cinco volumes nada revelam a respeito, assim como não se conseguiu, neste estágio da proposta de edição, definir se a cópia foi lida por Sylva, ou se, como se indicou acima, resulta de uma leitura da *Fénix*, fosse a primeira ou segunda edição.

Considerações finais

Ainda que não seja o escopo desta etapa da pesquisa aqui relatada tratarmos aprofundadamente de uma relação estemática dos manuscritos, importa observar que os critérios de seleção utilizados em um e outro documento diferem. Como Sylva busca atingir os objetivos de uma coletânea, a organização interna da *Fénix* necessita respeitar os temas amplos dados para cada momento da seleção, o que significa cruzar e incluir composições de diversos autores (ou anônimos) sob uma mesma rubrica, enquanto os manuscritos 350 e mais detidamente o 351 organizam a lista de composições segundo uma ordem generalizante que, embora se subordine à numeração ordinal que identifica e antecede cada soneto, na ordem geral agrupa as composições de maneira mais ou menos condizente com uma hierarquização comum aos séculos XVII e XVIII, aquela que coloca os temas político-históricos como prioridades em relação aos temas líricos, agrupamento nos quais encontram-se as subdivisões amorosos e morais, explicitados nas didascálias dos sonetos.

Quanto à *Fénix*, na comparação entre os três documentos, constata-se que no Tomo I Sylva não publicou poemas considerados por ele como anônimos. Esta constatação é corroborada pela citação da página 2 do segundo volume, na qual o editor se preocupa em justificar a indicação dos “anónimos” na forma de uma advertência. Nesse aspecto importa resgatar o fato de que o maior volume da produção de Fonseca Soares se deu na forma de romances, mas que na *Fénix*, excepcionalmente (e provavelmente por se tratar de uma regra de valoração para a escolha “dos melhores engenhos portugueses”), a forma mais nobre – o soneto – se sobressaiu na escolha das composições da tradição fonséquiana nessa antologia de poesias escritas em língua portuguesa. Da mesma maneira, a escrita em língua espanhola, que também representa um traço diferenciador do grau de popularidade nas poesias seiscentista e setecentista, importa para a compreensão das escolhas dos “melhores engenhos”. Assim, a seleção dos engenhos preponderou sobre a seleção dos autores da tradição poética seiscentista/setecentista lusitana, na *Fénix*.

Quando o GPMILA retomou o levantamento bibliográfico cuidadosamente coligido por Maria de Lourdes Belchior Pontes na *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas)*, de 1950, a presença de poemas de Fonseca Soares colecionados pela *Fénix* pareceu questão importante, mas presente com números modestos na coletânea. A *Bibliografia* faz menção a parte desses poemas, mas coloca dúvidas sobre as atribuições de autoria. A pesquisa avança, entretanto, com a colaboração dos manuscritos organizados por António Correia Viana para a Biblioteca da Ajuda, de Lisboa. Nela, o número de poemas atribuídos a Fonseca Soares pela tradição manuscrita se aumenta em algo perto de uma centena em relação à coleta de Pontes. Muitos dos poemas que passaram a ser considerados de autoria do poeta da Vidigueira aparecem sem alguma cópia ou variante registados como material adquirido e transcrito por Correia Viana nos manuscritos 49-III-74 a 49-III-81 da Ajuda, a partir da aquisição, segundo suas palavras, por meios próprios e particulares.

Por fim, trabalhando nas minúcias da *recensio* financiada pela FAPESP no período de 2017 a 2019³⁴, o GPMILA conseguiu arregimentar, além da reunião de Correia Viana, outra centena de poemas igualmente atribuídos a Fonseca Soares dispersos em volumes manuscritos esparsos compulsados a partir das informações de Pontes e de exaustiva pesquisa em catálogos das principais bibliotecas e institutos de guarda de documentos de Portugal dedicados exclusivamente a Fonseca Soares, muitas vezes retomados em cópias, cópias de cópias e até cópias quase integrais de outros manuscritos, quando confrontados os acervos de instituição para instituição, dentre as quais damos especial relevância para os Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, tanto pelo volume de dados, quanto pela atenção que seus arquivos deram à tradição manuscrita de António da Fonseca Soares, ao lado da Biblioteca Nacional e da Biblioteca da Ajuda.

Em suma. Ainda que toda a discussão acerca da autoria dos poemas de António da Fonseca Soares necessite de avanços, quer no campo da filologia, da literatura e mesmo da historiografia literária portuguesa, o conhecimento das características diferenciadas de qualquer documento dessa tradição, aqui se tratando especialmente dos mss. 350 e 351 dos Reservados da BGUC, é de significação capital para a compreensão da obra, da sua abrangência e principalmente para a formação de uma fortuna crítico-editorial acerca dos escritos deste poeta de tão rica e valiosa pena, injustamente adormecido na memória das letras produzidas em língua portuguesa.

Bibliografia

BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito*. Uma historia cultural del Siglo de Oro. S. L.: Marcial Pons, 2016. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B087YL4PRS&ref_=kwl_kr_iv_rec_1 (acesso em 20/01/2026, 11h08m).

34 Proc. 2016/17138-3 da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (modalidade Auxílio à Pesquisa).

- CHAGAS, Fr. António das. *Cartas Espirituais*. Edição, apresentação e notas de Isabel Morujão. Porto: Campo das Letras, 2000.
- HORÁCIO. *Arte poetica de Horacio*. Traduzida em rima por Miguel do Couto Guerreiro. Lisboa: Oficina Regia Typographica, 1772, p. 25-6.
- HORÁCIO. *Epistula ad Pisones*. Ed. Bilingue. Bruno Maciel Darla Monteiro Júlia Avelar Sandra Bianchet (Orgs.) Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. In: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Epistula%20ad%20Pisones.pdf (Acesso em 30/03/2026, às 10h54min.)
- NUNES, Josias de Oliveira. *Mathias Pereira da Sylva, mecenato e poder: a organização da antologia poética a Fénix Renascida ou Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses*, 2ª edição, 1746 / Josias de Oliveira Nunes. -- Assis, 2024, 265 p.: tabs., Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, Orientador: Carlos Eduardo Mendes de Moraes.
- PONTES, Maria de Lourdes Belchior. *Bibliografia de António Soares da Fonseca Soares* (Frei António das Chagas). Lisboa: Livraria Sá da Costa (Publicações do Centro de Estudos Filológicos), 1950, 128 p.
- SYLVA, Mathias Pereira, *A Fénix Renascida*, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. (...) I Tomo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1746.
- SYLVA, Mathias Pereira, *A Fénix Renascida*, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. (...) II Tomo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1746.
- SYLVA, Mathias Pereira, *A Fénix Renascida*, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. (...) III Tomo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1746.
- SYLVA, Mathias Pereira, *A Fénix Renascida*, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. (...) IV Tomo. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1746.
- SYLVA, Mathias Pereira, *A Fénix Renascida*, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. (...) V Tomo. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1746.

Fontes manuscritas

Biblioteca da Ajuda de Portugal

- Ms. 49-III-74: "*Poezias Sacras, e moraes que vagam manuscriptas[,] de Frey Antonio das Chagas [,] Religiozo professo na Religião Serafica E Fundador do Seminario do Varatojo[,]* que se no Seculo Antonio da Fonseca Soares[.] 1º Tomo. Adquiridas de Diversos peculios, juntas e destruidas na ordem q' aqui se mostram, e escritas por Antonio Correya Viana. Lisboa 1776".
- Ms. 49-III-75: *Obras em que se incluem Poesias e depois alguma prosa de António Fonseca Soares que depois se chamou na religião Fr. António das Chagas*, cujas são das que

[?] vagam manuscríptas, deixandose as muitas que com o nome de anonimo andam impressas nos 5 [?] da Fênix Renacida [.] 2º Tomo. Adquiras de diversos peculios, juntas e destrubuidas na ordem q . aqui se mostraõ, e escritas por Antonio Correya Vianna. Lisboa 1776.

Ms. 49-III-80: *Obras Poeticas de Antonio Fonseca Soares, chamado depois na Religião Fr. Antonio das Chagas*, 7º Tomo, adquiridas de proximo depois de já encadernado o 6º tomo, e ordenadas na ordem aqui se acham, e escritas por Antonio Correa Vianna, Lisboa 1782.

Ms. 49-III-81: *Obras Poeticas de Antonio Fonseca Soares, chamado depois na Religião Fr. Antonio das Chagas*, 8º Tomo[.] Em que se comprehendem mais Rom.^{ces} Lyricos, e huâs endechas no fim, novamente adquiridas como se declara na advertência q. se segue [.] E ordenados, e escritos na forma que aqui se encontram Por Antonio Correya Vianna[.] Lisboa, 1783.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Ms. 350

Ms. 351. Obras de Fonsce [i.é Fonseca]. Título retirado da lombada.

Ms. 392. Miscelânea.